

AMÉRICA LATINA

Em 2004, mais de 1.7 milhão de pessoas vivia com o HIV na América Latina, cerca de 95 000 morreram de doenças relacionadas à aids, e 240 000 eram recém-infetadas. Em torno de 610 000 mulheres vivem atualmente com o HIV na região.

- Dois países na região — Guatemala e Honduras — têm taxas de prevalência em adultos acima de 1%. Mas prevalência mais baixa em outros países disfarça o fato de que epidemias sérias e localizadas também estão avançando em vários outros países.
- O Brasil responde por mais de um terço das pessoas vivendo com HIV na América Latina.
- Primeiramente, a epidemia no Brasil afetou sobretudo homens que fazem sexo com homens e, depois, usuários de drogas injetáveis. Entretanto, a epidemia desenvolveu-se de forma mais heterogênea, e a transmissão heterossexual agora é responsável por uma parcela crescente de infecções por HIV, sendo também crescente o número de mulheres afetadas.
- O uso de droga injetável não deve ser subestimado na epidemia no Brasil. Em algumas áreas, usuários de drogas injetáveis representam pelo menos metade dos casos de aids. No entanto, programas de redução de danos em algumas cidades têm sido associados a quedas consideráveis na prevalência de HIV entre usuários de drogas injetáveis nos últimos anos — notadamente em Salvador, onde a prevalência caiu de 50% em 1996 para 7% em 2001.
- O HIV na Argentina permanece concentrado em grande parte nas áreas urbanas das províncias (Estados) de Buenos Aires, Córdoba e Santa Fé, com a estimativa de 65% de infecções por HIV ocorrendo na capital Buenos Aires e em suas imediações. Entretanto, a epidemia está mudando. Enquanto que ao longo dos anos de 1980 e muito dos 90 a transmissão do HIV ocorria principalmente por meio do uso de drogas injetáveis, a transmissão sexual do HIV — principalmente de usuários de drogas injetáveis para seus/suas parceiros (as) — agora responde por aproximadamente 80% de todos os casos de aids registrados.
- Em um estudo geral sobre população, em 24 cidades peruanas, 44% dos homens com idades entre 18 e 29 anos afirmam que pagaram por sexo (45% deles nem sempre usaram preservativos com profissionais do sexo) e 12% relatam que fizeram sexo com outros homens (68% deles nem sempre usaram camisinha nesses encontros).
- Na América Central, onde a epidemia ainda se concentra, em grande parte, em grandes áreas urbanas, os números de infecção por HIV têm aumentado em vários países (incluindo El Salvador, Nicarágua e Panamá) desde o final dos anos 1990, mas a prevalência do HIV permanece alta na Guatemala e em Honduras. Entre as pessoas vivendo com HIV, os homens superam as mulheres na proporção aproximada de 3:1, na maioria dos países.

- O país mais afetado é Honduras, onde a prevalência em adultos, de quase 2%, significava que aproximadamente 63 000 pessoas viviam com HIV no fim de 2003. Estima-se atualmente que doenças relacionadas à aids sejam a segunda principal causa de morte em Honduras.
- Na maioria dos países centro-americanos, profissionais do sexo que trabalham nas ruas têm pelo menos duas vezes mais chances de contrair o HIV que suas contrapartes que trabalham em bordéis, bares e hotéis.
- Sexo entre homens é um dos principais fatores da epidemia em toda a região, de forma especialmente dramática na Costa Rica. Mais da metade dos casos de aids entre 1998–2002 estava entre homens que têm sexo com homens, porcentagem significativa dos quais também faz sexo com mulheres.
- Em vários países, ainda há descapasso entre as prioridades nos gastos com prevenção e a evolução da epidemia nesses países.
- A maioria dos países dirige o montante de seus gastos com prevenção a projetos voltados para profissionais do sexo. Gastos com prevenção ainda não refletem o fato de que o sexo entre homens é uma força motriz na epidemia em toda a região.
- No fronte do tratamento, o Brasil permanece como referência entre os países em desenvolvimento. Ele continua a oferecer, a todas as pessoas vivendo com HIV, acesso a drogas anti-retrovirais por meio de seu sistema público de saúde. Como resultado, a expectativa de vida dos pacientes de aids aumentou consideravelmente. Estudo recente calculou que a média de sobrevivência era de apenas cinco meses para casos diagnosticados em 1980 enquanto para os casos diagnosticados em 1996 a média de sobrevivência era de quase cinco anos.
- Os casos de aids e de mortalidade por aids reduziram-se em diversos outros países, incluindo Argentina, Costa Rica e Panamá, após a expansão do acesso ao tratamento anti-retroviral.

Para mais informações, favor contatar Luciano Milhomem, UNAIDS Brasil, tel. +55 61 30 38 9222, celular +55 61 997 67 828, Jacqueline Daldin, UNAIDS Genebra, tel. +41 22 791 3501 ou Beth Magne-Watts, UNAIDS Genebra, tel. +41 22 791 5074 ou visite www.unaids.org.